

SUSANNA KEARSLEY

MARIANA

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

ISABEL ALVES

ASA

CAPÍTULO 1

V i a casa pela primeira vez no verão em que fiz cinco anos. A culpa foi de um poeta e do facto de a nossa visita de fim de semana, a casa de uma idosa tia favorita em Exeter, ter posto o meu pai num estado de espírito vagamente poético. Deparando-se com uma inesperada bifurcação na estrada, na viagem de regresso a casa em Oxford, ele escolheu deliberadamente a estrada da esquerda em lugar da da direita. – O caminho menos trilhado – disse-nos, num tom de voz benigno e lânguido. E, tal como o poeta prometera, fez de facto toda a diferença.

Para começar, perdemo-nos. De tal maneira que a minha mãe teve de guardar o mapa. As nuvens que entretanto encobriram o sol não pareciam ser mais do que uma extensão da disposição cada vez mais sombria do meu pai, que já esquecera a poesia, lugubrememente vergado sobre o volante. À hora de almoço, já estava a chover torrencialmente e a minha mãe dera-nos rebuçados, a mim e ao meu irmão Tommy, numa tentativa vã de nos impedir de irritar ainda mais o meu pai, cujo mau feitio lendário estava a atingir o ponto de rutura.

Os rebuçados eram de hortelã-pimenta, com riscas cor-de-rosa e brancas, como grandes berlindes, e tão eficazes a dificultar a fala que tínhamos de tirá-los completamente da boca para falarmos um

com o outro. Quando chegámos ao primeiro aglomerado de lojas e casas de aldeia, já as minhas mãos estavam pegajosas de açúcar e o peito do meu novo vestido de folhos estava manchado e encorri-lhado.

Nunca tive inteiramente a certeza do que levou o meu pai a parar o carro onde parou. Tenho ideia de um gato a atravessar a estrada à nossa frente, mas isso pode ter sido simplesmente fruto da imaginação de uma criança criativa e exausta. Fosse qual fosse a razão, o carro parou, o motor foi-se abaixo e na confusão que se seguiu tive o meu primeiro vislumbre esbatido da casa.

Era uma velha e banal casa rural, grande, quadrada e sólida, bastante recuada em relação à estrada, com algumas árvores mal cuidadas em redor para criar privacidade. O telhado de ardósia escura e reluzente era extremamente inclinado, juntando-se às paredes de pedra cinzenta batidas pelo tempo, a desolada monotonia das cores quebrada por duas chaminés iguais de tijolo vermelho e uma abundância de janelas largas de múltiplas vidraças com caixilhos recentemente pintados de branco.

Estava a pressionar o nariz contra o vidro frio da janela do carro, esforçando-me por ter uma vista melhor, quando ao fim de umas quantas imprecações particularmente virulentas, o meu pai conseguiu pôr o motor de novo a trabalhar. A minha mãe, claramente aliviada, virou-se para trás para ver se estávamos bem.

– Não, Julia – implorou. – Vais deixar as janelas todas sujas.

– Esta casa é minha – disse eu, em jeito de explicação.

O meu irmão Tommy apontou para uma casa muito maior e mais imponente que surgiu à vista. – Pois, mas a *minha* casa é aquela – contrapôs, triunfante. Para deleite dos meus pais, continuámos este jogo até chegarmos a casa, em Oxford, e a solitária casa cinzenta caiu no esquecimento.

Não voltaria a vê-la durante dezassete anos.

Esse verão, o verão em que fiz vinte e dois anos, está-me indelévelmente gravado na memória. Tinha acabado de concluir os meus estudos na escola de arte e conseguira o que parecia ser o

emprego perfeito numa pequena agência de publicidade em Londres. O meu irmão Tom, três anos mais velho do que eu, chegara recentemente de Oxford com um distinto percurso académico e chocou imediatamente a família anunciando a sua intenção de seguir o sacerdócio na Igreja Anglicana. A nossa família não era especialmente religiosa, mas o Tom insistia em dizer a gracejar que, com o seu nome, não tinha muitas alternativas. – Thomas Beckett! Por amor de Deus! – tinha ele brincado com a minha mãe. – Que esperavas?

Para celebrar aquilo que considerávamos a chegada à idade adulta, eu e o Tom decidimos tirar umas curtas férias na costa sul do Devon, onde podíamos esquecer temporariamente os nossos pais e as responsabilidades e aproveitar o tempo anormalmente quente e soalheiro com que a Inglaterra meridional estava a ser abençoada. Não ficámos desiludidos. Passámos uma semana esplêndida refastelados na praia em Torquay e voltámos relaxados, rejuvenescidos e bronzeados.

O Tom, apanhado numa vaga crescente de otimismo, nomeou-me copiloto para a viagem de regresso. Devia ter sido mais sensato. Embora eu não seja exatamente um desastre com mapas, deixo-me distrair facilmente pela paisagem. Inevitavelmente, acabámos por nos desviar da estrada principal, atravessando desorientados o que parecia uma procissão interminável de pequenas aldeias idênticas, ligadas por uma estrada estreita, sob uma abóbada tão densa de ramagem que parecia um túnel.

Depois da sétima aldeia, o Tom deitou-me um olhar de soslaio acusador. Tínhamos ambos herdado a tez e as feições finamente cinzeladas da minha mãe, características da Cornualha, mas enquanto, no meu caso, a combinação de cabelo e olhos escuros me dava um ar mais travesso do que exótico, no caso do Tom podia parecer verdadeiramente ameaçadora quando ele queria.

– Onde é que achas que estamos? – perguntou ele, com perigosos bons modos.

Conscientiosamente, consultei o mapa. – Wiltshire, imagino – disse-lhe vivamente. – Algures a meio.

– Bem, não podias ser mais específica.

– Ouve – sugeri, quando nos aproximávamos da oitava aldeia –, porque é que não te deixas de casmurrices e pedes indicações no próximo *pub*? Francamente, Tom, és pior do que o pai... – A palavra acabou num súbito guincho.

Desta vez, não foi fruto da minha imaginação. Um grande gato amarelo atravessou a correr a estrada mesmo à frente do carro. Os travões chiaram em sinal de protesto quando o Tom carregou a fundo e, depois, nem de propósito, o motor foi-se abaixo.

– Raios partam!

– Um cura não usa essa linguagem – lembrei ao meu irmão, e ele sorriu involuntariamente.

– Estou a gastar os últimos cartuchos – foi a sua desculpa.

Rindo-me, olhei pela janela e fiquei petrificada.

– Não posso acreditar.

– Eu sei – concordou o meu irmão. – É preciso ter muito azar.

Abanei a cabeça. – Não, Tom, olha... é a minha casa.

– O quê?

– A minha casa cinzenta – disse eu. – Não te lembras, naquele dia em que o gato se atravessou à nossa frente e o pai deixou o carro ir abaixo?

– Não.

– Quando vínhamos de casa da tia Helen – expliquei. – Logo depois de eu fazer cinco anos. Estava a chover e o pai virou no sítio errado e um gato apareceu à nossa frente na estrada e ele teve de parar o carro.

O meu irmão olhou para mim da mesma forma que um cientista olharia para um novo e curioso espécime, e abanou a cabeça.

– Não, não me lembro de nada.

– Pois, mas aconteceu – disse eu, obstinada –, e o carro foi-se abaixo precisamente aqui e eu vi aquela casa.

– Se o dizes.

O carro já estava a trabalhar e o Tom encostou na berma da estrada para eu poder ver melhor.

– Que te parece que significa? – perguntei.

– Significa que a nossa família tem um azar dos diabos com gatos no Wiltshire – respondeu o Tom. Decidi ignorá-lo.

– Gostava de saber quantos anos tem.

O Tom inclinou-se mais. – Parece-me isabelina. Ou talvez jacobina. Posterior não é.

Tinha-me esquecido de que o Tom se interessara especialmente por arquitetura na escola. Além disso, não havia nada que ele não soubesse.

– Gostava de ir vê-la melhor. – Havia uma nota de esperança na minha voz, mas o Tom limitou-se a deitar-me um olhar indulgente antes de voltar para a estrada que levava à aldeia.

– Não tenciono ir espreitar pelas janelas de ninguém para satisfazer a tua curiosidade – declarou. – Além disso, há um letreiro que diz «Propriedade Privada» à entrada que não deixa dúvidas a ninguém.

Um pouco mais adiante, entrámos no parque de estacionamento do Red Lion, um respeitável *pub* em estilo enxaimel com um antigo telhado de colmo e mesas dispostas num terraço improvisado para acomodar a clientela de almoço. Fiquei no carro, preparada para tomar a minha vez ao volante, enquanto o Tom ia ao *pub* beber rapidamente uma cerveja e pedir indicações para retomar a estrada principal.

Estava tão absorvida a pensar nas probabilidades de uma pessoa se perder duas vezes no mesmo sítio que me esqueci completamente de pedir ao meu irmão para perguntar o nome da aldeia onde estávamos.

Passariam mais oito anos até me encontrar mais uma vez em Exbury, no Wiltshire.

*

Desta vez, a última, era o princípio de abril, dois meses antes do meu trigésimo aniversário e, excepcionalmente, não me perdi. Ainda vivia em Londres, num pequeno apartamento alugado em Bloomsbury onde ganhara raízes apesar de uma herança inesperadamente generosa que Helen, a tia do meu pai, me deixara, a mesma tia que havíamos visitado em Exeter naquele passado distante. A tia Helen só me vira em duas ocasiões e, como tal, a razão por que me deixara uma soma de dinheiro tão exorbitante permanecia um mistério. Talvez fosse por eu ser a única rapariga numa família conhecida pela sua produção de descendentes masculinos. Segundo o meu pai, a tia Helen perfilhava convicções encarniçadamente feministas. – Um quarto só para ti – tinha-me dito o Tom, num tom decidido. – Foi o que ela te deixou. Não leste Virginia Woolf?

Na verdade, era muito mais do que o preço de um quarto, mas eu não fazia a mais pequena ideia do que havia de fazer ao dinheiro. O Tom recusara resolutamente a minha proposta para dividirmos a herança e os meus pais insistiram que não precisavam do dinheiro pois viviam confortavelmente desde que o meu pai se reformara da atividade de cirurgião. E assim foi.

Eu tinha bastante com que me ocupar, depois de ter mudado de carreira, trocando o *design* gráfico pela ilustração, uma área que considerava mais interessante e mais lucrativa. Por um golpe de sorte, tinha-me associado logo no princípio a um autor muito talentoso e a nossa colaboração numa série de contos fantásticos para crianças havia-me valido uma excelente reputação, para não falar de uma fonte de rendimento segura. Ainda nessa semana, recebera uma encomenda para ilustrar uma nova coletânea de lendas e contos de fadas de todo o mundo, de dimensão considerável, um projeto que me entusiasmava bastante e deveria manter-me atarefada durante quase um ano. Sentia-me na crista da onda.

Em regra, teria celebrado a minha boa sorte com a família, mas, como os meus pais estavam quase no outro extremo do mundo em férias e o Tom andava ocupado com os ofícios da Páscoa, contentara-me com a segunda escolha e fora passar o fim de semana com

amigos em Bath. Na segunda de manhã, achando o tráfego na estrada principal demasiado intenso para o meu gosto, fiz um desvio para norte e segui o suave curso do rio Kennet na direção de Londres.

Estava um dia fresco, mas perfeito, de primavera e as árvores que bordejavam a estrada estavam a explodir em folhas com um fervor quase tropical. Num tributo à estação, conduzia com as janelas abertas e o ar cheirava docemente a chuva e terra e novos rebentos.

O meu vetusto, mas fiável, *Peugeot* subiu uma pequena colina com um zunido de protesto. Ganhando velocidade, descrevi uma curva larga onde a estrada descia para um vale pouco fundo antes de atravessar o Kennet por uma estreita ponte de pedra. Aos solavancos sobre a ponte, experimentei uma vaga sensação de formigamento na nuca e os meus dedos apertaram-se no volante com a expectativa.

O mais espantoso foi que, desta vez, não fiquei surpreendida ao ver a casa. Por qualquer razão, quase esperava vê-la ali.

Abrandei o carro e, encostando à berma, parei, mesmo à frente do longo caminho de acesso em cascalho. Um grande gato amarelo atravessou altivamente a estrada sem se dignar sequer olhar de relance para mim e desapareceu entre as ervas ondulantes. Três vezes numa vida, refleti, mesmo sem o gato, ultrapassava definitivamente os limites da vulgar coincidência.

Imaginei que o proprietário da casa não se importaria decerto se eu desse uma espreitadela... Enquanto hesitava, mordendo o lábio, um bando de estorninhos levantou voo do campo ao meu lado, numa nuvem de asas agitadas, juntando-se, descrevendo um círculo sobre a casa de pedra cinzenta e logo desaparecendo.

Foi o fator decisivo para mim. Além da figura da minha mãe, também herdara a natureza supersticiosa dos seus antepassados cónicos e os estorninhos eram um bom augúrio criado pela minha imaginação. Desde a minha primeira infância, sempre que via um bando deles, significava que estava prestes a acontecer algo de maravilhoso. O meu irmão Tom tentou repetidamente mostrar-me a debilidade desta convicção, lembrando-me que os estorninhos não

eram propriamente invulgares na Inglaterra rural e que a sua influência sobre a minha felicidade só podia ser, na melhor das hipóteses, fruto do acaso. Não fiquei convencida. Só sabia que os estorninhos nunca me haviam encaminhado na direção errada e, ao vê-los rodopiar agora e elevar-se sobre a casa, tomei subitamente uma decisão.

Tirei o meu disforme anoraque verde do banco ao meu lado e apeei-me do carro, quase caindo na vala com a ansiedade. Não estava exatamente vestida para visitas, tive de admitir, aconchegando o anoraque sobre os *jeans* e a camisola grosseira – mas não havia nada a fazer. Passei uma mão pelo cabelo numa tentativa vã para alisar os caracóis curtos e revoltos, mas o vento húmido inviabilizava os meus esforços.

E agora, pensei, que desculpa havia de usar? Perguntar o caminho para algum lado? Um copo de água? Problemas com o carro? Olhei para o *Peugeot* velho e amolgado e achei boa ideia. Problemas com o carro, decidi. Qualquer pessoa acreditaria. Ensaçando mentalmente as palavras, atravessei a estrada e enfiei pelo caminho de cascalho. Um letreiro partido e gasto pelo tempo, com as palavras «Propriedade Privada» a tinta vermelha descolorida, estava desoladamente suspenso num prego numa árvore próxima. Não me deixando dissuadir, perseverei, esperando que os meus passos, ao pisar a gravilha, não soassem tão ruidosos às pessoas na casa como me soavam a mim.

A casa era exatamente como eu recordava: as mesmas chaminés vermelhas com os seus chapéus de argila; as mesmas janelas brancas posicionadas simetricamente, quatro vidraças sobre quatro; as mesmas paredes de pedra cinzenta tosca sob o telhado inclinado de ardósia. A única diferença era a porta. Sempre a imaginara castanha mas agora notei que era claramente verde-escura, salientando-se em nítido contraste com o maciço portal de pedra que a cercava.

A minha batida ressoou pesadamente com um som cavernoso e surdo. Bati três vezes com os nós dos dedos na madeira sólida antes de aceitar por fim que ninguém ia abri-la.

Queria dizer que não estava ninguém em casa. E, disse a mim mesma com satisfação, já que não estava ninguém em casa, era lógico que ninguém ficaria incomodado se eu fosse espreitar por algumas janelas nas traseiras. Justificando assim a minha intrusão, voltei para o caminho de acesso e contornei o lado norte da casa.

Neste ponto, o caminho acabava abruptamente numa construção atarracada e baixa com um telhado de colmo coberto de ervas daninhas. Presumivelmente, era a antiga cavalaria mas o para-choques de um carro a aparecer numa das baías abertas não deixava dúvidas quanto ao seu uso atual.

A vista no ponto onde me encontrava, alongando os olhos sobre os campos de lavoura planos e as pastagens suavemente ondulantes, aqui e ali intercetadas por grupos de árvores verde-escuras e arbustos bravios, era verdadeiramente magnífica. Não havia um pátio propriamente dito, embora um amontoado de pedras uns cem passos atrás da casa desse a impressão de que teria feito parte de um muro de vedação. E, embora eu tivesse contado três carvalhos, uma árvore de fruto e vários arbustos na frente, a única vegetação que crescia contra a parede de trás da casa era um álamo solitário com um tronco nodoso, os seus ramos verde-prateados agitando-se na brisa.

Havia deste lado outra porta verde-escura, com uma aldraba antiquada, e outra fila dupla de janelas pintadas de branco. Por baixo do que presumi ser a janela da cozinha, alguém havia amontoado precariamente vários vasos antigos, cujas paredes estavam incrustadas de musgo espesso e negro por falta de uso. Pus-me em bicos de pés e aproximei-me, inclinando-me e encostando uma mão em concha ao vidro para proteger os olhos contra a luz refletida do sol. *Era* de facto a janela da cozinha ou talvez da copa. Distingui uma prateleira com latas de alimentos e um velho lava-louça de porcelana. Estava a inclinar a cabeça para ver melhor quando uma voz de homem se fez inesperadamente ouvir atrás de mim.

– Ele não está em casa.

Era uma voz cordial, com um vago sotaque estrangeiro, e chegara de uma certa distância. Mas não registei nada disso de imediato. Rodei nos calcanhares, surpresa, e com o movimento derrubei a pilha de vasos, que se partiram no chão.

A princípio não vi ninguém, mas, pouco depois, comecei a distinguir a figura de um homem a destacar-se do muro de pedra desfeito e a dirigir-se para mim sobre a relva. Era um homem novo, talvez cinco anos mais velho do que eu, vestido com roupa de trabalho grosseira e usando luvas de couro que pareciam estranhamente medievais e descabidas.

– Não quis assustá-la – desculpou-se ele. – Só pensei que, se anda à procura do Eddie, ele não está.

Ele estava agora bastante próximo, o suficiente para eu ver claramente a combinação de cabelo arruivado e olhos cinzentos que é, não sei porquê, distintamente escocesa. Ele sorriu, um sorriso amistoso que condizia com a voz.

– É amiga do Eddie? – perguntou.

Sacudi negativamente a cabeça.

– Familiar então?

– Não. – Corei um pouco, o que só me ficou bem. Tive o palpite de que os meus falsos problemas com o carro não iam convencer o dono daqueles perspicazes olhos cinzentos. – Não, não conheço o proprietário. Sabe se ele vai voltar em breve?

O homem inclinou a cabeça de lado e brindou-me com um demorado olhar de avaliação que me recordou o meu irmão.

– Espero que não – disse ele sem emoção. – Foi a enterrar no mês passado.

– Ah, lamento. – Corei ainda mais. – Lamento muito.

– Não há problema. – Encolheu os ombros. – Estava a dar uma espreitadela?

Por esta altura, já a minha cara estava escarlate, e tive a sensação de que ele estava a divertir-se com o meu evidente desconforto. Levei um momento, mas por fim registei o pleno significado do que ele acabara de me dizer e subitamente esqueci o meu embaraço.

Levantei imediatamente os olhos. – A casa está então à venda?

– Está. Quer dar uma vista de olhos?

– Quero comprá-la. Esperei vinte e cinco anos por esta casa.

O homem ergueu uma sobrancelha ruiva e, por qualquer razão absurda, dei por mim a desbobinar toda a história de «A Casa e Eu», que ele ouviu com admirável paciência. Não me parece que a tenha achado muito interessante. Quando cheguei ao fim da minha pueril narrativa, os seus olhos calmos fitaram os meus pela segunda vez e a aparência com o meu irmão tornou-se ainda mais acentuada.

– Bem, nesse caso – disse ele solenemente –, o melhor é ir falar com Mr. Ridley em High Street. Não trouxe comigo a chave, senão eu próprio lhe mostrava a casa. – Descalçou uma luva e estendeu-me a mão. – A propósito, chamo-me Iain Sumner.

– Julia Beckett. – A minha expressão à vista da mão dele deve ter-se alterado porque ele voltou a sorrir, baixando os olhos para as pequenas lacerações que lhe marcavam a pele.

– Silvas – explicou. – Devoravam-me o jardim se não as desbastasse. Não é doloroso – garantiu, voltando a calçar a luva. – Tenho de voltar ao trabalho. Boa sorte com a casa.

– Obrigada – disse eu, mas ele já ia longe para me ouvir.

Cinco minutos depois, estava sentada no escritório de Ridley & Stewart, agentes imobiliários. Confesso que não recordo muito bem essa tarde. Lembro-me, sim, de uma torrente confusa de conversa, em que Mr. Ridley discorreu sobre questões legais, documentos de transferência de titularidade, buscas e coisas do género, mas no fundo eu não estava a ouvir.

– Tem a certeza – tinha-me perguntado Mr. Ridley – de que não deseja ver primeiro a propriedade?

– Já a vi – afiancei-lhe. Para ser franca, achava essas formalidades desnecessárias. Afinal de contas, era a minha casa. A minha casa. Ainda estava presa a essa certeza, como uma criança que não larga uma prenda, quando bati à porta do presbitério de St. Stephen, em Elderwel, Hampshire, nessa noite.

– Felicita-me, vigário. – Sorri radiosamente ao rosto espantado do meu irmão. – Somos praticamente vizinhos. Acabo de comprar uma casa no Wiltshire.